

LETRAMENTOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS E USO DE IAGEN EM CONTEXTO DE DESINFORMAÇÃO: PERSPECTIVAS SOBRE A VERDADE EM PRÁTICAS DE UNIVERSITÁRIOS EM CIÊNCIAS HUMANAS, EXATAS E DA TERRA*

SCIENTIFIC-ACADEMIC LITERACIES AND THE USE OF GENAI IN A CONTEXT OF DISINFORMATION: PERSPECTIVES ON TRUTH IN THE PRACTICES OF HUMANITIES, EXACT AND EARTH SCIENCES UNDERGRADUATE STUDENTS

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e20466

Gabriel Guimarães Alexandre¹

Cristian Imbruniz²

Fabiana Komesu³

Luciani Tenani⁴

Juliana Alves Assis⁵

Resumo: Inscrito nos estudos de letramentos e discurso, este artigo analisa como universitários em cursos de licenciatura e bacharelado em Ciências Humanas, Exatas e da Terra discutem a noção de verdade em práticas letradas acadêmicas, numa conjuntura de desinformação e uso de inteligência artificial generativa (IAGen). O *corpus* é constituído de 81 textos produzidos por esses universitários. A análise qualitativo-interpretativa buscou observar a relação entre o conceito de verdade e benefícios e riscos do uso de IAGen. Os resultados apontam para a centralidade da questão profissional nesse uso e a necessidade de discussão da noção de verdade na formação acadêmico-científica.

Palavras-chave: letramentos acadêmicos; formação profissional; epistemologia; desinformação; inteligência artificial generativa.

* Uma primeira versão deste texto foi apresentada em palestra proferida em 10 de outubro de 2025, por Fabiana Komesu e Luciani Tenani, com dados organizados por Gabriel Guimarães Alexandre e Cristian Imbruniz, no *Séminaire Interne* da equipe *Théodile* do *Centre Interuniversitaire de Recherche en Éducation de Lille* (CIREL) da *Université de Lille* (ULille), França, a convite do Prof. Dr. Cédric Fluckiger (ULille), a quem os autores agradecem.

¹ Doutor em Estudos Linguísticos. Pesquisador e professor substituto no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de São José do Rio Preto. *E-mail:* guimaraes.alexandre@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1432-1118>.

² Doutor em Filologia e Língua Portuguesa. Pós-doutorando na Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de São José do Rio Preto. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo 2025/08677-7). *E-mail:* c.imbruniz@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6506-9285>.

³ Doutora em Linguística. Professora na Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de São José do Rio Preto. Bolsista de Produtividade em Pesquisa/ CNPq (processo 301678/2025-1). *E-mail:* fabiana.komesu@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3820-1559>.

⁴ Doutora em Linguística. Professora na Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de São José do Rio Preto. Bolsista de Produtividade em Pesquisa/ CNPq (processo 304567/2024-8). *E-mail:* luciani.tenani@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8487-0825>.

⁵ Doutora em Linguística. Professora na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista de Produtividade em Pesquisa/ CNPq (processo 312852/2022-3). *E-mail:* juassis@pucminas.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9383-4850>.

Abstract: Drawing on literacy and discourse studies, this article investigates how undergraduate students in Humanities, Exact and Earth Sciences discuss the notion of truth in academic literacy practices within a context marked by disinformation and the presence of generative artificial intelligence (GenAI). The corpus comprises 81 texts produced by these students. Through qualitative interpretive analysis, the study examines how references to truth are articulated in relation to perceived benefits and risks of GenAI in academic work. The findings highlight the centrality of professional accountability in students' reflections and point to the need to discuss the notion of truth in academic training.

Keywords: academic literacies; professional education; epistemology; disinformation; generative artificial intelligence.

Introdução

Nas últimas cinco décadas, o sistema educacional brasileiro tem registrado expansão contínua das matrículas em seus diferentes níveis de ensino, impulsionada por mudanças institucionais e demandas socioeconômicas. Dados oficiais indicam que houve crescimento expressivo no ensino fundamental nos anos iniciais e finais, seguido pela ampliação do ensino médio – historicamente restrito a grupos sociais específicos (Imbruniz, 2025) – e, mais recentemente, pela expansão do ensino superior a partir dos anos 2000 (Brasil, 1979; 1987; 2017; 2025). No ensino superior, esse processo se caracterizou, por um lado, pelo fortalecimento do setor privado; por outro, pela consolidação de cursos de formação tradicionais, como os de bacharelado, que se mantiveram como a principal escolha dos estudantes. Houve ainda o crescimento de cursos tecnológicos e o recuo da demanda por licenciaturas (Rocha; Carvalhaes, 2023).

Apesar da ampliação do acesso e de políticas de reserva de vagas, dados levantados por Rocha e Carvalhaes (2023) sugerem que a expansão do ensino superior produziu uma inclusão apenas parcial, uma vez que teria havido redução de desigualdades verticais – a exemplo da expansão de vagas –, com manutenção de desigualdades horizontais – a exemplo de escolhas de instituição e carreira, empregabilidade, dentre outros aspectos. Em outras palavras, observa-se a concentração de universitários inscritos em categorias marcadas por raça, gênero, classe social ou idade, em cursos menos prestigiados, frequentemente ofertados a distância por instituições particulares (Rocha; Carvalhaes, 2023; Brasil, 2025; Semesp, 2025). Trata-se de um conhecido contexto de massificação do público universitário e que suscita debate sobre a função social da universidade e da ciência, sobretudo, numa conjuntura acentuada pela necessidade de uma sólida formação acadêmica no enfrentamento do fenômeno da desinformação, como discutido adiante.

Essa configuração do ensino superior, caracterizada pela expansão de matrículas, pela diversificação e massificação de seu público, pelo imperativo de luta contra desinformação, instigou a pergunta de pesquisa deste trabalho: como universitários inscritos em campos disciplinares⁶ distintos lidam com pressupostos fundamentais de práticas letradas acadêmicas e do fazer científico, a exemplo da (re)produção de uma noção de verdade, quando têm a possibilidade de usar inteligência artificial generativa (doravante, IAGen)⁷?

O objetivo deste artigo é, pois, analisar como universitários inscritos em cursos de licenciatura (Letras, Pedagogia) e bacharelado (Letras-Tradutor) em Ciências Humanas e em cursos de licenciatura em Ciências Exatas e da Terra (Matemática e Química) discutem e avaliam a noção de verdade em práticas letradas acadêmicas na conjuntura da desinformação e do uso de IAGen. O estudo se volta a respostas a um formulário *on-line*, produzidas por 81 desses estudantes numa universidade pública paulista. Busca-se, particularmente, compreender as relações que esses universitários estabelecem entre verdade e uso de IAGen na produção acadêmica e na formação profissional, considerando-se a conjuntura da desinformação.

O artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 1, é apresentada a relação entre práticas letradas acadêmicas e formação profissional de universitários, num cenário marcado por desafios comunicacionais e tecnológicos – caso da desinformação e da IAGen. A seção 2 apresenta o material e os procedimentos metodológicos assumidos na coleta e na análise dos dados. A seção 3, por sua vez, mostra os resultados quantitativos alcançados, discutidos, na seção 4, de uma perspectiva qualitativo-interpretativa. Ao final, são apresentadas considerações sobre o estudo e sua potencial contribuição ao campo.

1 Práticas letradas acadêmico-científicas na relação com a formação profissional

Como exposto na introdução, o crescimento das matrículas nos diferentes níveis da educação básica, atrelado a demandas sociais, políticas e econômicas, foi acompanhado pela expansão do ensino superior. Esse movimento se intensificou a partir dos anos 2000, com a

⁶ “Campo disciplinar” na escrita acadêmico-científica é entendido, neste trabalho, conforme Hyland (2004; 2007), como domínio discursivo que configura práticas de linguagem específicas de cada disciplina, refletindo tradições ontológicas e epistemológicas próprias. Esse campo orienta normas, estilos e estratégias argumentativas utilizadas por autores, posicionando-os em relação a temas, leitores e comunidades disciplinares. Assim, a identidade e o modo de escrever acadêmicos, de acordo com Hyland (2004; 2007), são moldados pelas expectativas do campo disciplinar ao qual pertencem ou buscam pertencer.

⁷ Para os propósitos deste trabalho, IAGen é definida como uso de inteligência artificial para gerar diferentes modos de enunciação – textos falados, textos escritos, imagens, músicas, áudios, vídeos – a partir de padrões apreendidos em grandes conjuntos de dados produzidos por humanos (ou máquinas). Conforme Komesu *et al.* (2025), ferramentas que utilizam a arquitetura da IAGen são impulsionadas por modelos de linguagem de grande escala (*Large Language Models*, LLM), em específico, os conhecidos como transformador generativo pré-treinado (*Generative Pre-trained Transformer*, GPT).

ampliação de câmpus de universidades públicas e com a criação de linhas de financiamento voltadas a matrículas em instituições privadas. Em 2000, havia 2,6 milhões de estudantes matriculados em cursos universitários presenciais, dos quais 887 mil em instituições públicas e 1,8 milhão em instituições privadas (Brasil, 2000). Em 2024, o total de matrículas no ensino superior alcançou 10,2 milhões, sendo 2 milhões na rede pública e 8,1 milhões na rede privada (Brasil, 2025). Desse modo, em 24 anos, as matrículas no ensino superior cresceram cerca de 292%, movimento impulsionado pela consolidação do setor privado. Se, nos anos 2000, essas instituições concentravam 66% do total de matrículas, duas décadas depois, passaram a responder por 80% dos estudantes de graduação.

Nessa trajetória de expansão do ensino superior, observam-se dinâmicas relevantes na escolha das carreiras universitárias. Nas últimas décadas, como comentado, os cursos de bacharelado se mantiveram como a principal opção dos estudantes (Rocha; Carvalhaes, 2023), devido, possivelmente, à projeção de acesso a percursos tradicionais de mobilidade social ascendente, como profissões liberais, com potencial de emprego no setor privado. Paralelamente, cursos de tecnólogo também cresceram (Rocha; Carvalhaes, 2023), em resposta à complexidade tecnológica dos meios de produção, enquanto licenciaturas registraram retração nas matrículas (Rocha; Carvalhaes, 2023), associada a percepções negativas sobre a docência, principalmente, na rede pública. Em todos esses casos, predominam matrículas em instituições privadas e oferta de cursos a distância (Semesp, 2025).

Em 2024, embora tenha havido retração em matrículas dessa modalidade, Pedagogia foi o curso de graduação mais procurado em geral e entre as licenciaturas (Brasil, 2025). Os dados mostram que cerca de dois terços dos matriculados frequentavam cursos a distância, notadamente, em instituições privadas. Com variações, esse padrão se repete em cursos de licenciatura em Letras, Matemática e Química (Brasil, 2025) – esses, com o de Pedagogia, de interesse da discussão proposta neste artigo. Dos 1,7 milhão de licenciandos matriculados em 2024, 67% estavam em instituições privadas e, dentre esses, 91% cursavam modalidade a distância (Brasil, 2025).

Com efeito, a expansão do ensino superior no Brasil se deu por meio da promoção de acesso à universidade, do estabelecimento de programas de financiamento estudantil e da adoção de políticas de reserva de vagas (Semesp, 2025). Nas últimas duas décadas, o crescimento das matrículas no ensino superior sugere a diversificação do público universitário, ao mesmo tempo em que coloca em evidência um quadro de inclusão parcial que limita determinados segmentos a formações com menor retorno social e econômico – caso de cursos de li-

cenciatura e de alguns de bacharelado. Trata-se, como sugerem Rocha e Carvalhaes (2023), de uma expansão de oferta com baixo teto de ascensão social.

No contexto universitário, a formação disciplinar implica usos específicos da língua(gem) por meio de práticas de leitura e escrita, tanto para o ensino quanto para a atuação profissional. Graduandos são instados a formular perguntas, apresentar seminários, ler artigos, teses, livros e monografias, tomar notas e produzir relatórios (Rinck; Sitri, 2012). Sob a perspectiva sociocultural dos letramentos (Street, 1994; Kleiman, 1995; Corrêa, 2004), essas práticas não constituem um conjunto homogêneo, já que usos empíricos e simbólicos da escrita na universidade assumem formas diversas, inéditas para os estudantes, muitas vezes. Não se trata, pois, de atividades óbvias para egressos de escolas, habituados ao trabalho com outros gêneros discursivos.

Práticas de letramento acadêmico mobilizam finalidades sociais, culturais, políticas e históricas distintas, materializadas em variados gêneros do discurso (Santos; Silva, 2020; Miranda *et al.*, 2022; Barros; Gonçalves, 2025; Assis; Komesu; Brasileiro, 2025; Lopes *et al.*, 2025). Alguns se vinculam ao ensino-aprendizagem, como aula, seminário, *slides* e anotações; outros, à formação disciplinar e à inserção do universitário em determinado campo de conhecimento, como resumo, resenha e fichamento; e outros, ainda, à produção e à divulgação da pesquisa, como apresentações orais, pôsteres, artigos e capítulos de livros. Os usos acadêmicos de leitura e de produção textual (falada e escrita) são, portanto, tão plurais quanto as finalidades que os orientam. Os letramentos acadêmico-científicos articulam essas demandas de ensino-aprendizagem e de pesquisa (Assis, 2014) aos propósitos dos campos disciplinares e ao que é tomado como verdadeiro no saber e no fazer desses domínios.

Essas finalidades acadêmico-científicas convivem e se articulam, por sua vez, com finalidades socioprofissionais, produzindo um cruzamento entre letramentos acadêmico-científicos e profissionais (Beaudet; Rey, 2012; Rinck; Sitri, 2012). Submetidas a modelos diversos, práticas de letramento profissional tensionam convenções disciplinares ao mobilizarem comportamentos, éticas e epistemologias do trabalho, por vezes, distintas daquelas encontradas no meio universitário. Embora a instituição universitária valorize o pensamento crítico e a escrita reflexiva, contextos laborais podem avaliá-los negativamente, concebendo-os como disruptivos (Beaudet; Rey, 2012). Daí a distinção, na formação universitária, entre gêneros profissionais – como o laudo técnico – e profissionalizantes – o relatório de estágio, para citar apenas um exemplo. Essa distinção mostra aproximações e diferenças entre práticas letradas acadêmico-científicas e práticas letradas profissionais (Rinck; Sitri, 2012), que po-

dem ser exploradas num contexto universitário marcado pela convivência entre diferentes campos disciplinares, caso deste estudo que se volta à análise de como universitários em cursos vinculados às Ciências Humanas e às Ciências Exatas e da Terra discutem a noção de verdade em práticas letradas acadêmicas, numa conjuntura de desinformação e uso de inteligência artificial generativa (IAGen).

Esse panorama sublinha a pluralidade de práticas sociais de leitura e produção de textos na universidade e dos modelos teóricos que as descrevem e buscam problematizá-las. Longe de se reduzirem ao chamado déficit linguístico ou à assimilação de convenções, essas práticas se inscrevem em relações de sentido, identidade, poder e autoridade (Lea; Street, 2014), com impacto na permanência estudantil, na formação acadêmica e na inserção profissional no mercado de trabalho. Com a expansão e diversificação do ensino superior, como o brasileiro, investigar práticas de leitura e escrita nesse cenário se mostra relevante para compreender a formação acadêmico-profissional de licenciandos e bacharelados.

Esse conjunto de práticas refrata ainda questões contemporâneas, como a dos usos sociais de IAGen numa conjuntura de desinformação. Sobre os usos de inteligência artificial, pesquisa Google/Ipsos (2025) indica que 49% dos brasileiros se mostram otimistas quanto a seu impacto na aprendizagem. Quanto aos avanços científicos, 43% dos brasileiros manifestam otimismo. No total, 56% dos brasileiros avaliam positivamente o impacto da IAGen na ciência, o que representa dez pontos percentuais acima da média global (Google/Ipsos, 2025). Esses dados sugerem que ferramentas de IAGen tendem a ocupar lugar de centralidade na formação acadêmico-profissional de estudantes no país.

Contudo, a pesquisa Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil, realizada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE, 2024), aponta limites para esse otimismo, quanto à confiança em instituições científicas e à propagação de desinformação. Embora 66,2% dos entrevistados afirmem que a ciência traz mais benefícios que malefícios e apoiem seu financiamento, 45,7% a consideram atrasada em relação a outros países. O relatório ainda registra queda na confiança em cientistas e dimensiona o problema da desinformação: 50,8% dos brasileiros relatam ter tido contato com notícias falsas e 36,5% admitem já tê-las compartilhado. Esse cenário se articula ao uso massivo de redes sociais digitais e aplicativos de mensagem como principal fonte de informação para 39,8% dos respondentes (CGEE, 2024).

No contexto das práticas de letramento acadêmico-científico, na relação com a desinformação, Komesu *et al.* (2025) situam o fenômeno no cenário contemporâneo marcado pela interdiscursividade entre teorias conspiratórias, declínio de mídias tradicionais, ataques a uni-

versidades e a centros científicos e produção de falsas simetrias no debate científico. Nessa conjuntura, investigar valores da verdade torna-se central em práticas de letramento acadêmico-científico, sobretudo numa projeção da formação profissional. É por meio desse trabalho de avaliação, validação e responsabilização discursiva que futuros profissionais podem diferenciar enunciados apenas verossímeis e afirmações com sustentação epistemicamente legitimada.

Por essa razão, o uso de IAGen nesse contexto se torna particularmente sensível, uma vez que essa tecnologia digital amplia possibilidades de produção automatizada de textos falados ou escritos, de imagens e outros modos de enunciação verossímeis. Explorar limites de verossimilhança é de interesse numa visada discursiva sobre práticas sociais de leitura e escrita. Inscritos em diferentes campos disciplinares, o reconhecimento dos chamados “valores da verdade” (Angermuller, 2018) depende do exercício de poder que, no campo, pode ser apreendido. Nem todas as afirmações sobre verdade teriam, assim, a mesma “qualidade normativa” – a expressão é do autor –, isto é, afirmações sobre realidades distintas podem se tornar verdadeiras pela força de grandes grupos sociais ou de trocas entre poucos especialistas (por exemplo, comunidades acadêmicas e profissionais restritas). Para situar o debate sobre linguagem e verdade, apresentamos uma breve reflexão sobre essa relação.

Alexandre (2024) desenvolve essa articulação na mobilização de perspectivas teóricas distintas, mas complementares. Parte da ideia de Foucault (1988), para quem a verdade apenas pode ser observada em termos de relações de poder, o que permite suspendê-la temporariamente na qualidade de objeto de análise e no exame de um “conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (Foucault, 1988, p. 13). Essa perspectiva pode coexistir com a de pós-verdade, segundo a qual fatos importam menos do que a adesão social de sujeitos a crenças pensadas como individuais (McIntyre, 2018), o que mostra que a disputa em torno do verdadeiro e do falso é, antes de tudo, uma disputa discursiva, pelo poder.

Diante do risco de dissolução, numa visão relativista da verdade, Alexandre (2024) propõe, com Paveau (2015), compreender a verdade do enunciado como uma questão de ajuste dos discursos, na relação entre sujeitos, memória e realidade, o que confere à linguagem, por conseguinte, uma dimensão moral, que se distancia de uma visão deontológica da língua. É nesse horizonte de orientação foucaultiana, resguardado do relativismo por essa dimensão moral dos discursos, que a proposta de Angermuller (2018), segundo a leitura de Alexandre (2024), se estabelece no reconhecimento de um valor analítico a alegações sobre a verdade,

segundo uma “qualidade normativa” instaurada a partir de práticas discursivas que as (re)produzem – perspectiva que fundamenta, também, a análise proposta neste artigo.⁸

Nesse cenário, Komesu *et al.* (2025) defendem que práticas letradas acadêmico-científicas devem promover aculturação dos sujeitos não apenas a conteúdos e dispositivos científicos e tecnológicos, mas também a modos de (re)configuração dos discursos e de reconhecimento das relações com o outro, condição necessária para avaliar usos sociais da IAGen. A inserção de práticas letradas acadêmico-científicas e profissionais nesses debates quanto ao uso da IAGen e seus efeitos na desinformação reforça a pertinência de investigar como a noção de verdade comparece nas reflexões de universitários matriculados em cursos de licenciatura e bacharelado diante dessa tecnologia.

2 Metodologia

O estudo adota uma abordagem qualitativo-interpretativa. Empregou-se o método de “geração de dados abertos de pesquisa escrita” (Lankshear; Knobel, 2008, p. 211) para a coleta dos dados. Essa coleta foi realizada no ano de 2025 com base na aplicação de um questionário *on-line* (Google Formulários) a estudantes de licenciatura e bacharelado em Letras e licenciatura em Pedagogia, no campo das Ciências Humanas; estudantes de licenciatura em Matemática e em Química, no campo das Ciências Exatas e da Terra.⁹ Os critérios utilizados na escolha desses cursos procuram observar: (i) práticas sociais letradas acadêmico-científicas em campos disciplinares de epistemologias distintas; (ii) escolha de cursos, particularmente, entre as licenciaturas, com alta taxa de matrícula quando se considera o cenário do ensino superior no Brasil.

À época da coleta dos dados, os estudantes estavam regularmente matriculados em disciplinas de prática de leitura e produção de textos acadêmico-científicos, em uma universidade pública do Estado de São Paulo. Essas disciplinas têm caráter obrigatório para os matriculados desses cursos (incluído o bacharelado em Letras), tendo por objetivo oferecer subsídios teórico-metodológicos à produção e à avaliação crítica de gêneros discursivos da esfera acadêmico-científica.

O Quadro 1 apresenta as considerações iniciais da atividade e o enunciado da consigna proposto aos universitários.

⁸ Para uma discussão mais detalhada da relação entre linguagem e verdade nos estudos dos letramentos e dos discursos, ver Alexandre (2024).

⁹ Os autores agradecem a contribuição das professoras doutoras Lilian Maria da Silva e Roberta Pereira Fiel na coleta dos dados.

Quadro 1: Atividade “IAGen e a produção da verdade/verdadeiro”

Considerações iniciais	O uso da inteligência artificial generativa (IAGen) em contexto universitário e em diferentes áreas de conhecimento tem gerado intensos debates. Se, por um lado, a IAGen é vista como inovadora, capaz de ampliar pesquisas, análises e práticas profissionais, por outro, surgem questionamentos sobre confiabilidade, ética e riscos sobre desinformação. Esses questionamentos também são perpassados por discussões sobre verdade que se intensificam diante dos textos, dados ou resultados produzidos por IAGen. Discussões sobre a verdade – seja nos textos produzidos por IAGen, seja nos dados e resultados que ela apresenta – tornam-se centrais no contexto atual.
Enunciado da consigna (grifos no original)	Com base nas considerações iniciais desta atividade, escreva um texto curto (de 150 a 200 palavras) em que você problematiza como a questão da verdade sobre o uso da IAGen pode ser abordada da perspectiva de sua área de formação profissional (Matemática, Pedagogia, Química, Letras). Considere, de maneira particular, os benefícios e os riscos do uso de IAGen na formação escolar, num contexto de desinformação e <i>fake news</i> .

Fonte: Elaboração dos autores, São José do Rio Preto, 2026.

As expectativas sobre as respostas contemplam, nesse evento de letramento, as reflexões sugeridas pelas considerações iniciais, referentes a: (i) uso da IAGen no ensino superior e seu suposto potencial inovador; (ii) debates e controvérsias que o uso dessa tecnologia tem suscitado no contexto acadêmico; (iii) riscos e benefícios éticos em termos de responsabilidade de uso da IAGen; (iv) efeitos desses riscos e benefícios na concepção de verdade e de verdadeiro, considerando-se cenário de desinformação e *fake news*. A consigna solicitava, pois, dos estudantes, tanto reflexões sobre as noções de verdade e de verdadeiro nos usos de IAGen, quanto a consideração de riscos e benefícios dessa tecnologia na (sua) formação acadêmica.

O *corpus* totaliza 81 produções textuais escritas cujas características gerais são apresentadas no Quadro 2. Os procedimentos de coleta, análise, armazenamento e divulgação de dados seguem os protocolos aprovados por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do governo brasileiro (CAAE processo n. 67001923.9.1001.8142). Assim, todos os participantes cujas produções textuais escritas compõem o conjunto do material assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Quadro 2: Organização do *corpus*

Campo disciplinar	Conjunto de textos	
Ciências Humanas	Licenciatura em Letras	19
	Bacharelado em Letras (Tradução)	25
	Licenciatura em Pedagogia	08
Ciências Exatas e da Terra	Licenciatura em Matemática	17
	Licenciatura em Química	12
Total de textos escritos	81	
Total de caracteres com espaço	84.038	

Fonte: Elaboração dos autores, São José do Rio Preto, 2026.

As respostas foram codificadas e analisadas com auxílio do *software* MAXQDA (Verbi Software, 2024), a partir do cálculo da frequência de duas categorias, apresentadas a seguir. Considerando a proposta de Angermuller (2018), observamos as “verdades” das alegações dos estudantes – na (re)produção de noções de verdade e de verdadeiro – como efeito de (sua) inscrição em práticas de letramento acadêmico-científico, cuja apreensão se dá, do ponto de vista do discurso, pela avaliação de uma “qualidade normativa” (Angermuller, 2018, p. 2), socialmente aceita ou posta em discussão, em enunciados que se pretendem verdadeiros.

Assim, com base nas considerações do quadro teórico e a partir dos procedimentos metodológicos na observação da (re)produção da noção de verdade nos textos escritos, realizamos a leitura das respostas dadas ao enunciado da consigna. Foram criadas, a partir dessa consigna, duas categorias de análise, linguisticamente marcadas ou não marcadas nos textos, isto é, as categorias não são restritas à superfície linguística do texto:

- (i) abordagem da noção de verdade, no que respeita à ausência de abordagem, a uma abordagem no âmbito da profissão ou a uma abordagem geral;
- (ii) avaliação de práticas sociais letradas com uso de IAGen, no que respeita a benefícios e riscos atribuídos a práticas de escrita e de leitura.

Apresentamos os principais resultados, seguidos de sua discussão.

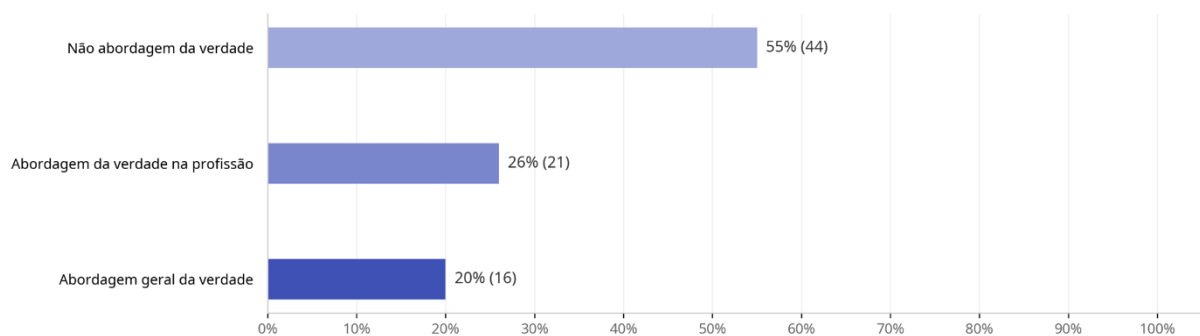
3 Resultados

Para mapear tendências nas respostas dos universitários, observamos as duas categorias de análise propostas – abordagem e avaliação – em termos de padrões quantitativos, cuja análise qualitativo-interpretativa dos enunciados será apresentada na discussão dos dados (cf. seção 4).

3.1 Abordagens da noção de verdade

No *corpus*, observa-se uma tendência à falta de elaboração explícita da noção de verdade ou da ideia de um verdadeiro em práticas sociais letradas com uso de IAGen. Mesmo quando convidados a refletir sobre essa concepção, os estudantes não apresentam uma definição, segundo um pólo positivo, da questão da verdade. É por meio de sua ausência ou de sua relação com outros fenômenos que a noção de verdade emerge nas respostas. A Figura 1 mostra essas tendências nas respostas:

Figura 1: Abordagens da noção de verdade no *corpus* (n total = 81)

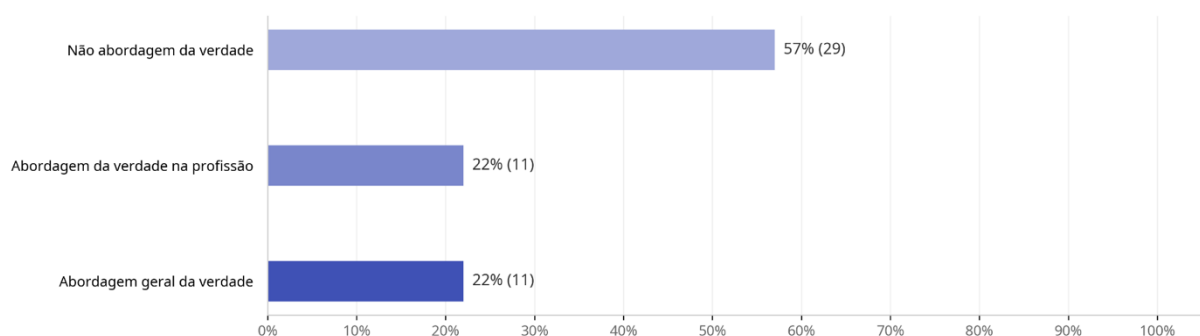


Fonte: Elaboração dos autores, São José do Rio Preto, 2026, com auxílio do MAXQDA (2024).

Como é possível observar, a assunção da noção de verdade é evocada segundo sua ausência, seja na falta de uma abordagem explícita (55%, com $n = 44$), seja numa abordagem da verdade relacionada à verdade/ao verdadeiro na profissão (26%, com $n = 21$), seja, por fim, na abordagem da verdade de maneira genérica (20%, com $n = 16$), sem consideração do contexto de sua (re)produção.

Na sequência, observamos, de modo particular, como essa distribuição das abordagens da noção verdade aparece em cada um dos campos disciplinares em que houve coleta de dados.

Figura 2: Abordagens da noção de verdade no campo das Ciências Humanas (n total = 51)



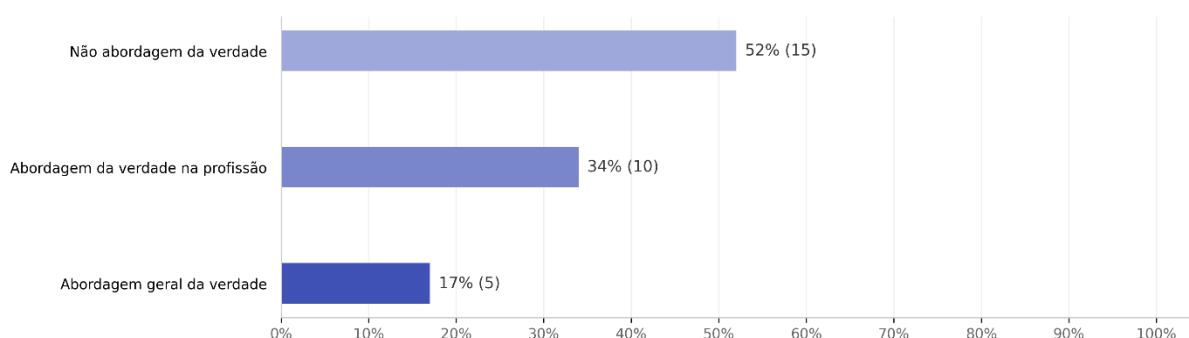
Fonte: Elaboração dos autores, São José do Rio Preto, 2026, com auxílio do MAXQDA (2024).

Na Figura 2, observa-se a frequência dos tipos de abordagem encontradas no *corpus* do campo das Ciências Humanas (licenciatura e bacharelado em Letras e licenciatura em Pedagogia): a ausência de abordagem da noção de verdade aparece em 57% das produções textuais escritas (com $n = 29$); a abordagem da noção de verdade no âmbito da profissão e a

abordagem da noção de verdade de forma genérica aparecerem, cada uma, em 22% dessas produções ($n = 11$). Os dados seguem, pois, uma tendência no *corpus*.

A Figura 3, por sua vez, apresenta a frequência das abordagens da noção de verdade no campo das Ciências Exatas e da Terra, representadas pelos cursos de licenciatura em Matemática e em Química.

Figura 3: Abordagens da noção de verdade no campo das Ciências Exatas e da Terra (n total = 30)



Fonte: Elaboração dos autores, São José do Rio Preto, 2026, com auxílio do MAXQDA (2024).

Observa-se, nesse caso, que 52% ($n = 15$) das produções textuais escritas não oferecem uma abordagem da noção de verdade, ainda que 34% ($n = 10$) reflitam sobre essa noção na profissão e que 17% ($n = 5$) apresentem uma abordagem genérica do conceito. Em relação ao que se observa no caso das Ciências Humanas, a abordagem mais genérica da noção de verdade tem menor percentual nesse conjunto de textos. Logo, apesar de a noção de verdade não ser tratada como questão epistemológica em si mesma, aparece como elemento complementar de uma discussão sobre consequências do falso/enganoso na profissão. A tendência, no caso das Ciências Exatas e da Terra, é de que a especificidade do campo disciplinar e da profissão apareça de maneira mais marcada do que em Ciências Humanas.

Apresentamos, na sequência, os resultados da segunda categoria de análise.

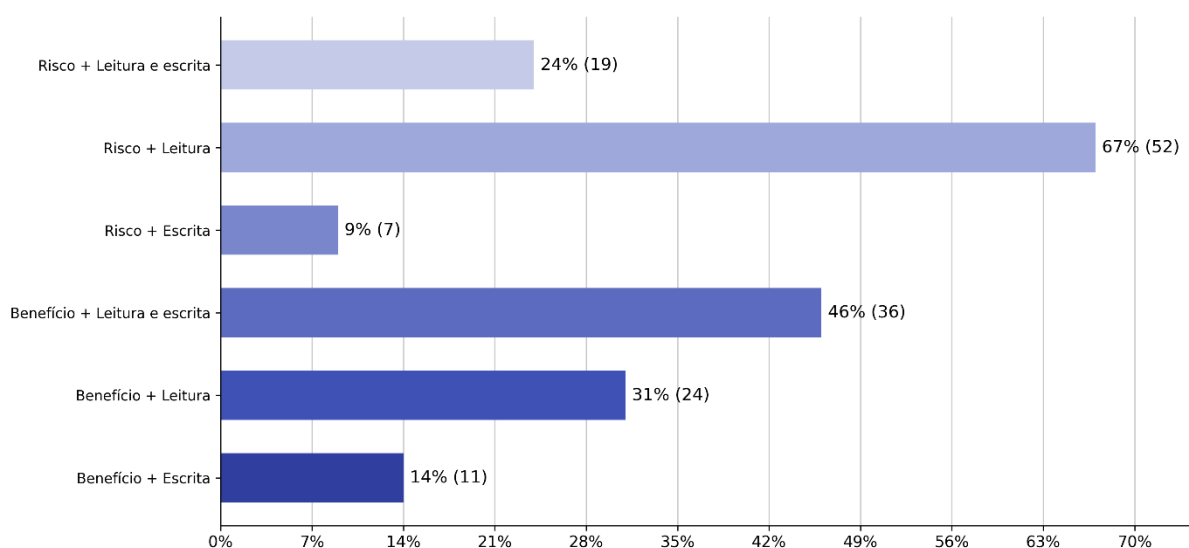
3.2 Avaliação das práticas sociais letradas com uso de IAGen quanto a benefícios e riscos

A segunda categoria de análise diz respeito à avaliação de práticas sociais letradas com uso de IAGen em termos de benefícios e riscos atribuídos pelos universitários a práticas de leitura e escrita. A relação entre benefícios e riscos em práticas sociais de letramento foi estabelecida pelos universitários, considerando-se a discussão proposta nas considerações ini-

ciais da atividade, bem como o fato de que a atividade foi realizada em disciplinas regulares que tematizavam práticas de leitura e produção de gêneros acadêmicos (cf. seção 2).

A Figura 4 mostra como, no *corpus*, os benefícios e os riscos foram associados, em alguns casos, a questões de leitura, em outros, a questões de escrita e, ainda, simultaneamente a ambas as práticas sociais letradas.

Figura 4: Benefícios e riscos em práticas sociais de letramento com uso de IAGen (n total = 149)



Fonte: Elaboração dos autores, São José do Rio Preto, 2026, com auxílio do MAXQDA (2024).

De modo geral, a percepção de benefícios é mais expressiva quando a IAGen é utilizada de forma integrada, sugerindo que a ferramenta é considerada como suporte tecnológico relevante para práticas sociais de letramento. Essa integração pode ser vista quando o benefício aparece junto à leitura e à escrita (46%, com $n = 36$). Assim, a maior parte dos participantes reconhece que o uso é híbrido, útil tanto para sintetizar informações, quanto para produzir conteúdo, o que será explorado na discussão dos dados (cf. seção 4). Na sequência, o reconhecimento de benefícios associados à leitura e decorrentes dos usos de IAGen aparece com maior destaque (31%, com $n = 24$) do que os benefícios associados à escrita (14%, com $n = 11$), indicando uma cautela, por parte dos universitários, quanto ao uso da IAGen na produção textual escrita sem mediação humana.

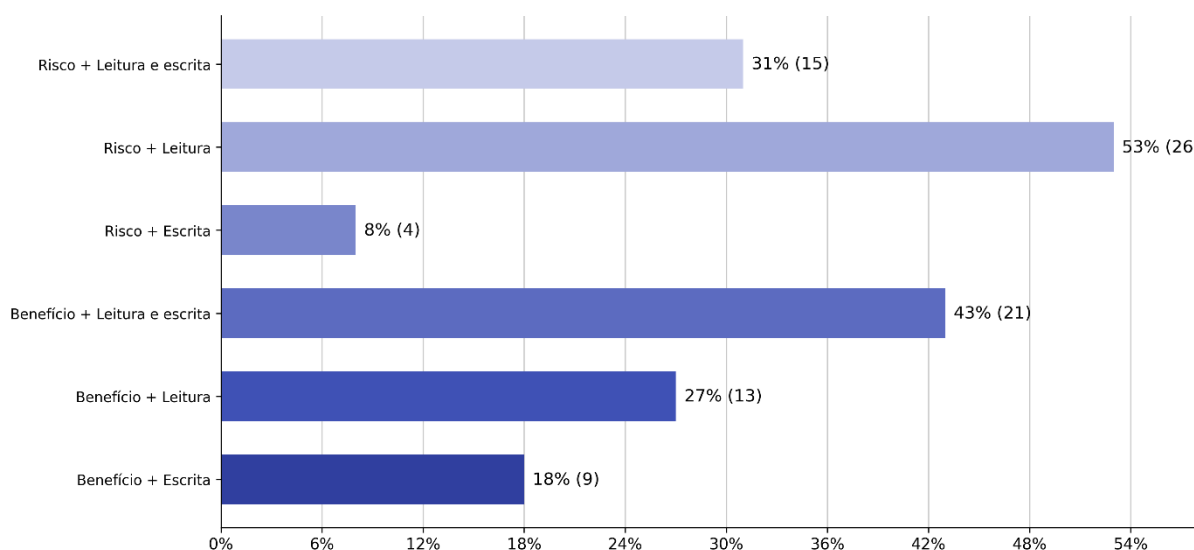
A percepção de riscos associados à leitura aparece de forma mais expressiva no *corpus* (67%, com $n = 52$), superando as demais rubricas. Dois terços dos participantes vislumbram riscos na execução dessa atividade, ainda que seu benefício também seja observado (cf. Figura 4). A percepção de riscos decorrentes de práticas sociais tanto de leitura quanto de escrita

com usos de IAGen também aparece entre os universitários (24%, com $n = 19$); riscos associados à escrita têm o índice mais baixo do conjunto (9%, com $n = 7$). Esse resultado sugere que os universitários tendem a reconhecer, em práticas sociais de escrita com IAGen, menor risco do que em práticas sociais de leitura mediadas pela mesma ferramenta.

Em síntese, quanto à segunda categoria de análise, a discrepância entre os benefícios associados à leitura (31%) e os riscos dela decorrentes (67%) coloca em evidência uma tensão: embora se reconheça que a IAGen possa facultar o acesso a informações apresentadas em um texto, há desconfiança quanto à integridade dessa compreensão e à qualidade dos resultados mediados pela tecnologia de IAGen.

Vejamos, com base na Figura 5, se essa tendência do *corpus* se mantém no campo das Ciências Humanas (licenciatura e bacharelado em Letras e licenciatura em Pedagogia).

Figura 5: Benefícios e riscos em práticas sociais de letramento com uso de IAGen no campo das Ciências Humanas (n total = 88)



Fonte: Elaboração dos autores, São José do Rio Preto, 2026, com auxílio do MAXQDA (2024).

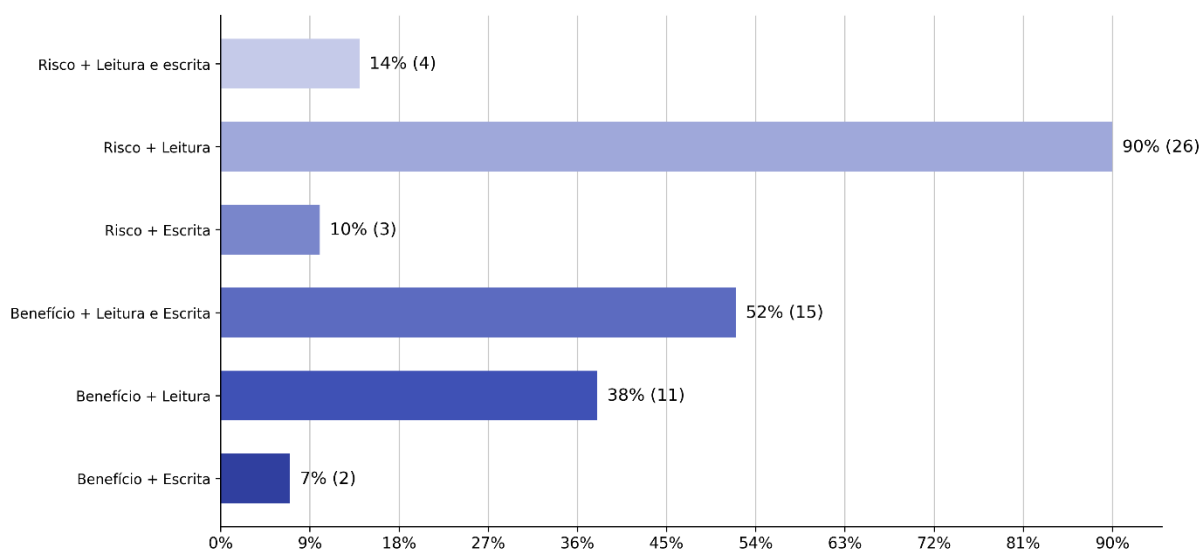
A Figura 5 mostra que, em Ciências Humanas, parece haver uma abertura ligeiramente maior para a consideração da IAGen e seus benefícios como suporte tecnológico na produção textual escrita (18%, com $n = 9$, ante o constatado no conjunto mais amplo: 14%, com $n = 11$). Benefícios associados à leitura e escrita (43%, com $n = 21$) e à leitura (31%, com $n = 13$) seguem a tendência do conjunto mais amplo quanto ao reconhecimento de benefícios.

No que respeita aos riscos, embora o risco associado à leitura (53%, com $n = 26$), à leitura e escrita (31%, com $n = 15$) e à escrita (8%, com $n = 4$) seja uma tendência que acompa-

nha o *corpus*, em Ciências Humanas, há uma especificidade: o risco reconhecido na atividade de leitura, de forma isolada, é menor do que o reconhecido no conjunto geral. Contudo, a combinação de leitura e escrita é ligeiramente maior em Ciências Humanas (com aumento de 7%). Esse dado pode sugerir que a indissociabilidade entre práticas sociais de leitura e escrita é percebida de maneira mais consistente nesse grupo. Há, pois, uma percepção mais distribuída desse risco entre os universitários inscritos no campo disciplinar das Ciências Humanas.

Vejamos, com base na Figura 6, de que maneira essas relações são estabelecidas no campo das Ciências Exatas e da Terra (licenciatura em Matemática e em Química).

Figura 6: Benefícios e riscos em práticas sociais de letramento com uso de IAGen no campo das Ciências Exatas e da Terra (n total = 61)



Fonte: Elaboração dos autores, São José do Rio Preto, 2026, com auxílio do MAXQDA (2024).

Na Figura 6, referente às Ciências Exatas e da Terra, observa-se que a tendência geral do *corpus* se mantém, mas com algumas diferenças. No que diz respeito aos benefícios, a percepção mais expressiva recai sobre a atividade integrada de leitura e escrita (52%, com $n = 15$). Também nesse campo, a exemplo do que foi visto em Ciências Humanas, a IAGen é tomada como ferramenta de apoio a práticas sociais letradas, tanto na compreensão, quanto na produção de textos escritos. Há também reconhecimento de benefícios associados à leitura (38%, $n = 11$), enquanto o benefício associado à escrita apresenta índice bastante reduzido (7%, $n = 2$). Esse achado sugere que, em Ciências Exatas e da Terra, há maior cautela quanto ao uso autônomo da IAGen na produção escrita, considerando-se o que é comumente demandado no campo disciplinar, como discutido adiante.

Quanto aos riscos, os associados à leitura se destacam dentre os universitários inscritos em Ciências Exatas e da Terra (90% com $n = 26$). Riscos associados às atividades integradas de leitura e escrita correspondem a 14% ($n = 4$), e os associados à escrita, a 10% ($n = 3$). Essa distribuição sugere que, dentre os participantes, a principal preocupação está na interpretação oferecida pela IAGen na “leitura” de textos do que na produção textual escrita propriamente dita. Os universitários parecem sentir menor risco quando escrevem com apoio da IAGen – ainda que os benefícios sejam pouco reconhecidos –, ao passo que demonstram desconfiança quanto à confiabilidade das informações sintetizadas pela ferramenta digital.

Portanto, a discrepância entre os benefícios da leitura (38%) e os riscos da leitura (90%) é particularmente expressiva nesse campo disciplinar, indicando uma tensão ainda mais acentuada do que a observada no campo das Ciências Humanas. Embora a IAGen seja reconhecida como útil na organização e na síntese de informações, persiste a preocupação com imprecisões, simplificações indevidas ou interpretações equivocadas.

4 Discussão

De maneira geral, os resultados da análise sugerem, por um lado, que a noção de verdade, para os participantes da pesquisa, aparece mais como atributo intrínseco ao campo disciplinar do que como resultado de uma reflexão epistemológica coletiva, muitas vezes, marcada por tensões entre modelos teóricos e demonstrações empíricas. Por outro lado, indicam que benefícios e riscos associados às práticas de leitura e escrita variam entre os campos disciplinares, coexistindo o reconhecimento de seu bom uso com problemas dele decorrentes. Essas tendências serão discutidas nas subseções seguintes.

A codificação dos excertos a seguir reproduzidos indica, respectivamente: instituição de ensino superior (UP), ano da coleta (025), curso em que a atividade foi aplicada (LETRAS, MAT, por exemplo) e disciplina (PLPTII, Prática de leitura e produção de textos II, por exemplo), seguidos do número da atividade (A02) e do número aleatoriamente atribuído ao participante da pesquisa (P13). O destaque em negrito assinala a zona linguageira sob análise, segundo as categorias propostas. Desvios ortográficos ou gramaticais foram mantidos na transcrição dos excertos.

4.1 Uma noção de verdade pouco problematizada

Conforme observado nos dados quantitativos extraídos dos textos, há uma ausência do trabalho com a (re)produção de uma noção de verdade (55%, $n = 44$). Nesses textos, descon-

sidera-se a instrução apresentada na atividade sobre a problematização da questão da verdade no uso de IAGen. Quando essa noção aparece, é deslocada, seja para uma abordagem na profissão (26%, $n = 21$), seja para uma abordagem genérica (20%, $n = 16$), sem uma definição do que seria a verdade nesses usos da tecnologia digital.

A ausência de uma problematização mais explícita da noção da verdade foi por nós apreendida quando, nas repostas, há discussão de outros aspectos da instrução não relacionados a uma reflexão explícita sobre essa noção. Observe-se o seguinte excerto: “IAGen pode ser uma ferramenta auxiliadora na formação escolar se usada de maneira correta, cautelosa e equilibrada” (UP-025-LETRAS-PLPTII-A02-P13). Trata-se de um caso representativo do que acontece nos dois campos disciplinares. No excerto, é possível observar a ausência de problematização, aparecendo somente uma discussão sobre uso de IAGen em seu caráter instrumental, enfatizando aspectos do uso da ferramenta, neste caso, como “correto”, “cauteloso” ou, ainda, “equilibrado”. Quando a noção de verdade aparece de forma genérica, ela tende a ser associada à produção de informações falsas pela tecnologia, conforme mostra o excerto a seguir: “A inteligência artificial pode sim ajudar nos estudos, contudo a veracidade muitas vezes é falha, principalmente para produção de textos dissertativos argumentativos [...]” (UP-025-MAT-PLPT-A02-P12). No caso em específico, a verdade é tratada como veracidade, atribuída ao funcionamento da ferramenta, sem aprofundamento sobre como essas informações são interpretadas ou verificadas no processo intersubjetivo do verdadeiro no campo disciplinar.

Nessa seção de resultados, optamos por discutir de maneira mais aprofundada a abordagem da verdade na profissão para mostrar uma diferença relevante entre os campos disciplinares em estudo, observada no conjunto de dados desta pesquisa. Seu potencial de generalização corresponde à extensão dos dados coletados no contexto de uma instituição universitária do Estado de São Paulo. O excerto (1), a seguir, é representativo do que acontece no conjunto das produções textuais escritas em Ciências Humanas (licenciatura e bacharelado em Letras e licenciatura em Pedagogia) quanto à abordagem da verdade na profissão.

(1) Em meu ponto de vista dentro do meu âmbito profissional, o uso da inteligência artificial pode me auxiliar e facilitar problemas curtos e rotineiro. **Dentro do contexto escolar, a verdade sofre ataques relacionados às inteligência [sic] artificiais generativas, no qual elas geram milhares de soluções, em que muita [sic] delas vem com mentiras ou baseados em argumentos inconsistentes.** Portanto, ao meu ver, a inteligência artificial vem degradando a verdade aos poucos, tornando o caminho livre para a desinformação e a fake news perpetuar-se. (UP-025-PED-PLPTII-A02-P07).

O excerto extraído de produção textual escrita por um licenciando em Pedagogia joga luz sobre o fato de que a verdade, no contexto profissional de um professor de escola, “sofre ataques relacionados às inteligências [sic] artificiais generativas”. As possíveis soluções oferecidas pela ferramenta estariam impregnadas de “mentiras” ou “argumentos inconsistentes”. Assim, a IAGen seria uma ferramenta responsável pela degradação da verdade, com consequências à profissão e com perpetuação da desinformação e *fake news*. Conforme apresentado na Figura 2, a ausência de abordagem da noção de verdade aparece em 57% das produções textuais escritas em Ciências Humanas (com $n = 29$); a abordagem da noção de verdade no âmbito da profissão e a abordagem da noção de verdade de forma genérica, por sua vez, aparecerem em 22% dessas produções ($n = 11$), índices próximos aos do conjunto total.

Um movimento semelhante pode ser também observado no caso das produções textuais escritas por universitários em cursos de licenciatura em Ciências Exatas e da Terra. Nesse conjunto de textos, a tendência do *corpus* se mantém: 52% ($n = 15$) das produções textuais escritas não apresentam uma abordagem da noção de verdade; 34% ($n = 10$) refletem sobre essa noção na profissão; 17% ($n = 5$) apresentam uma abordagem genérica do conceito, como visto na Figura 3. O excerto a seguir é representativo do que acontece nesse campo quanto ao modo de abordagem da noção de verdade no âmbito da profissão.

(2) Na área da Matemática, a questão da verdade no uso da Inteligência Artificial Generativa (IAGen) apresenta desafios e oportunidades relevantes para a formação escolar. [...] A IAGen nem sempre garante exatidão em seus resultados, podendo apresentar soluções incorretas ou interpretações equivocadas como se fossem verdades absolutas. Nesse sentido, em um cenário marcado pela desinformação e pelas fake news, confiar cegamente na IA pode reforçar concepções erradas e comprometer a formação crítica dos alunos. [...] A verdade, portanto, não pode ser entendida apenas como aquilo que a IA apresenta, mas deve ser construída a partir da verificação, da reflexão e do diálogo entre tecnologia e conhecimento humano. (UP-025-MAT-PLPT-A02-P02).

O licenciando em Matemática particulariza a reflexão da verdade para a área profissional (contexto escolar) de seu campo disciplinar, afirmando que a noção apresenta “desafios e oportunidades relevantes para a formação escolar”. No excerto (2) em questão, ainda que também seja possível recuperar o fato de que a IAGen não garante exatidão de seus resultados (com reprodução de “soluções incorretas” ou “interpretações equivocadas como se fossem verdades absolutas”), há o reconhecimento de que a verdade deve ser entendida para além do que a IAGen oferece, em termos de “verificação”, “reflexão” e “diálogo entre tecnologia e conhecimento humano”. Essa sensibilidade quanto ao caráter reflexivo do estabelecimento da

noção de verdade em campos disciplinares é observada nas respostas dos universitários, mas aparece senão como alusão, sem uma problematização marcada.

A ausência de uma problematização marcada da noção de verdade no uso de IAGen revela um desafio central para os estudos de letramentos: integrar a reflexão sobre a verdade como dimensão constitutiva das práticas letradas acadêmico-científicas, no quadro da produção textual mediada por plataformização, funcionamento algorítmico, crise da autoria e da autoridade/legitimidade científica (Komesu *et al.*, 2025), com consequências para os letramentos profissionais. Relegar à verdade um estatuto disciplinar único é considerar um modelo de letramento acadêmico voltado à aculturação de ritos dogmáticos de dado campo (em termos de uma socialização acadêmica), sem o necessário distanciamento crítico esperado no processo de leitura e de produção epistemológica do campo (próximo, portanto, ao modelo de letramentos acadêmicos, como proposto por Lea e Street, 2014). O que “conta” como conhecimento não deve ficar, pois, restrito ao atendimento de expectativas da profissão (ou da instituição).

4.2 Benefícios instrumentais, riscos epistemológicos

Como a análise quantitativa sugere, observou-se que a IAGen é reconhecida por benefícios instrumentais e por riscos no campo epistemológico, principalmente associados à leitura (à avaliação) da veracidade das informações apresentadas pela máquina. Nesta subseção, comentamos as duas temáticas mais frequentes em cada conjunto de textos do *corpus*.

No campo das Ciências Humanas (licenciatura e bacharelado em Letras e licenciatura em Pedagogia), o conjunto segue a tendência do *corpus*, que relaciona benefícios do uso de IAGen à leitura e à escrita (43%, com $n = 21$), conforme excerto (3).

(3) Dentro de um contexto acadêmico, o uso de inteligência artificial pode ser pensado a partir de um **facilitador de tarefas**, não um um [*sic*] agente protagonista no desenvolvimento de uma. É possível utilizá-lo com a intenção de **montar slides, organizar textos, procurar por referências bibliográficas**, mas sempre lembrando que, como toda ferramenta de IA, é um produto em processo de desenvolvimento e **não deve, nunca, sere** [*sic*] **utilizado sem a conferência dos dados a que fornece.** (UP-025-LETRAS-PLPTII-A02-P09).

Observa-se, na produção textual apresentada por licenciando em Letras, um reforço da lógica de uso instrumental da IAGen, com utilização da ferramenta em “tarefas acadêmicas”, como “montar slides, organizar textos, procurar por referências bibliográficas”, desde que subordinadas à mediação e verificação humana. Há uma apropriação cautelosa, em que o benefício é admitido e, ao mesmo tempo, condicionado à vigilância por parte do universitário. Es-

se jogo entre benefício instrumental e risco epistemológico coloca em destaque o caráter paradoxal do potencial da ferramenta em práticas sociais letradas.

Quanto a riscos, a temática mais frequente é a de risco associado à leitura (53%, com $n = 26$), representado no excerto (4).

(4) Além disso, **a maleabilidade dessas tecnologias**, característica normalmente vista como uma vantagem, pode ser **desvantajosa, uma vez que essa as torna altamente suscetíveis a campanhas de desinformação e, como são incapazes de diferenciar a verdade da mentira, podem reproduzir e impulsionar essas ideias.** (UP-025-TRAD-A02-P13).

Nessa produção textual escrita por um bacharelado em Letras-Tradutor, observa-se uma percepção de caráter reflexivo: a “maleabilidade” da tecnologia, vista como vantagem operacional, é simultaneamente interpretada como vulnerabilidade, considerando-se o contexto da desinformação. A preocupação não recai sobre a (qualidade da) produção textual escrita em si, mas sobre a incapacidade de a ferramenta de IA distinguir entre “verdade” e “mentira”, deslocando o risco para o plano da mediação do processo de leitura.

No campo das produções textuais escritas por graduandos em Ciências Exatas e da Terra, o reconhecimento de benefícios segue a tendência do *corpus*, isto é, a de observação de benefícios relacionados à leitura e à escrita (52%, com $n = 15$). O excerto (5) representa essa tendência no conjunto.

(5) Do ponto de vista da Matemática, disciplina que exige raciocínio lógico e rigor na validação de argumentos, a presença da IAGen pode ser vista tanto como **um recurso pedagógico** quanto como um risco. Por um lado, a tecnologia auxilia estudantes **na resolução de problemas, na visualização de conceitos abstratos e na produção de materiais didáticos interativos.** Isso pode potencializar a aprendizagem e estimular a autonomia do aluno. (UP-025-MAT-PLPT-A02-P04).

Nesse excerto (5), o reconhecimento dos benefícios é explícito quando vinculado ao apoio ao raciocínio lógico e à visualização conceitual, que podem ser considerados de fundamental importância para um licenciando em Matemática. Reconhece-se o potencial da tecnologia “na resolução de problemas”, “na visualização de conceitos abstratos” e “na produção de materiais didáticos interativos”, desde que não substitua os procedimentos de validação rigorosa esperados no campo disciplinar e na profissão (na instituição escolar).

Quanto aos riscos, a tensão aparece de forma mais acentuada no caso do campo das Ciências Exatas e da Terra, em comparação com o das Ciências Humanas, no que concerne à leitura (90%, com $n = 26$, contra 53%, com $n = 26$). O excerto (6) explicita essa desconfiança.

(6) Trago como ponto de partida **a principal adversidade** que possuo ao fazer pesquisas em minha área de atuação: **a confiabilidade da informação que a IAGen me traz. Ao solicitar informações sobre um tema, as IAGen no geral apresentam informações como uma conversa entre duas pessoas, sem fonte das quais ela me trouxe aqueles dados, o que traz grande dúvida se o que aquilo que ela me trouxe, é verdadeiro ou factível.** (UP-025-QUIM-PLPTII-A02-P04).

O problema central é a confiabilidade da informação fornecida pela IAGen, dada a ausência de fontes e o modo pouco formal de apresentação da resposta, “como uma conversa entre duas pessoas”. Diferentemente das justificativas do campo das Ciências Humanas – de onde emergem críticas à desinformação –, o foco incide, no comentário do licenciando em Química, sobre critérios clássicos de validação científica, como rastreabilidade e verificabilidade. Esse dado sugere que estudantes de Ciências Exatas e da Terra mobilizam de maneira mais marcada o regime da verdade que constitui as disciplinas na avaliação da eficácia da IAGen.

Para o que nos interessa, os dados qualitativos aprofundam a leitura quantitativa ao apontar que a tensão entre benefício e risco no uso de IAGen: (i) não é homogênea, isto é, há pesos diferentes entre aquilo que é considerado benefício e risco dentre diferentes práticas sociais de leitura e escrita; (ii) é disciplinarmente regulada, na apreciação da IAGen como instrumento para o fazer acadêmico-científico e para a profissão e no reconhecimento de riscos concretos que justificam receio no campo epistemológico. Trata-se, de nossa perspectiva, da presença, nessas produções textuais escritas, de uma desejável explicitação da diversidade e da especificidade “das práticas institucionais e [d]a luta dos estudantes para que essas práticas façam sentido” (Lea; Street, 2014, p. 491), movimento que pode ser flagrado na assunção do modelo de letramentos acadêmicos.

Enquanto no conjunto de textos das Ciências Humanas predomina uma crítica voltada ao fenômeno da desinformação, com vistas ao uso responsável da ferramenta de IAGen, em Ciências Exatas e da Terra sobressai a preocupação com a confiabilidade das fontes. Não se trata, contudo, de diferenças significativas. Em ambos os campos, a IAGen é admitida como tecnologia de apoio, distante, portanto, de ideia segundo a qual essa tecnologia figuraria como autoridade epistêmica. Os dados descritos e analisados se voltam, assim, para a observação de problemáticas específicas, traduzidas nas categorias de verdade e nos potenciais benefícios e riscos do uso de IAGen em práticas letradas acadêmicas e profissionais. Observadas em sua especificidade, as categorias mostram percepções diversificadas sobre a noção de verdade e esses riscos e benefícios, marcadas, ao mesmo tempo, por regulação disciplinar. Observadas por seu potencial de generalização, resultante de um gesto de leitura do arquivo – que con-

templa, mas não se reduz aos dados coletados –, as categorias de verdade e os riscos e benefícios sugeridos nos permitem refletir sobre as expectativas e promessas da novidade tecnológica. Em outras palavras, a conceptualização pouco explícita e consistente da verdade no uso de tecnologia dessa natureza coexiste com a intuição de risco, que pode ser explicada pelo caráter essencial de novidade que tecnologias digitais assumem na sociedade. Os benefícios parecem, por seu turno, ser mapeados em função mais da promessa dessas tecnologias do que da experiência empírica dos universitários com a ferramenta.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar o modo como graduandos das áreas de Ciências Humanas e de Ciências Exatas e da Terra discutem a noção de verdade em práticas sociais de leitura e escrita no contexto da desinformação e do uso de IAGen. A pergunta de pesquisa que orientou o trabalho buscou investigar como esses estudantes do ensino superior, inscritos em campos disciplinares distintos, confrontam-se com pressupostos fundamentais das práticas sociais letradas acadêmicas, do fazer científico e do fazer profissional.

Como discutido, a conjuntura é marcada pelo fenômeno da desinformação, pela intensificação dos usos sociais de IAGen, com a imposição de desafios à formação acadêmico-científica e profissional. Tecnologias digitais que produzem enunciados verossímeis, caso das ferramentas de IAGen, colocam em questão a necessidade de avaliação crítica de seus usos, o que foi percebido pelos participantes deste estudo. Nesse contexto, a distinção entre verossimilhança e legitimidade epistemológica torna-se fundamental para uma atuação ética e responsável, cabendo à formação acadêmica promover uma postura crítica ante a ferramentas digitais em um ambiente informacional saturado, de curadoria nem sempre confiável (Komesu *et al.*, 2025).

Os resultados mostram que a noção de verdade é pouco problematizada pelos universitários, emergindo mais como atributo intrínseco ao campo disciplinar do que como objeto de reflexão epistemológica a ser aprofundado. As produções textuais escritas sinalizam a inscrição dos universitários no verdadeiro das disciplinas, isto é, em regras de formação que assecuram, em determinados tempo e espaço, a emergência de enunciados considerados científicos (Foucault, 1996). No entanto, o verdadeiro das disciplinas se constitui, como lembra Foucault (1996), pelo controle da teratologia do saber, sempre de maneira provisória. Trata-se, portanto, de um procedimento de contenção dos discursos, cujos efeitos podem interditar, como no caso observado, uma reflexão epistemológica mais aprofundada sobre a noção de ver-

dade em favor da confirmação das regras de formação do verdadeiro em uma disciplina. Observou-se uma tendência de não explicitar a noção de verdade ou de deslocá-la para o âmbito profissional e para formulações genéricas, mostrando um limite da formação superior: a dificuldade de integrar a reflexão sobre a verdade como parte constitutiva das práticas acadêmico-científicas de escrita mediadas por tecnologia digital. Ao tratar a verdade apenas como questão disciplinar, corre-se o risco de privilegiar a assimilação de ritos ou dogmas, em vez de estimular a reflexão crítica sobre as instâncias de poder que produzem conhecimento e sobre o posicionamento profissional, como o do professor.

Verificou-se, contudo, uma distinção entre os campos disciplinares. Nas Ciências Humanas (licenciatura e bacharelado em Letras e licenciatura em Pedagogia), a IAGen é percebida como facilitadora de tarefas acadêmicas, mesmo que seu uso seja condicionado à mediação e à verificação humanas. O risco mais evidente se associa à desinformação e à incapacidade atribuída à IAGen de distinguir verdade de mentira. Nas Ciências Exatas e da Terra (licenciatura em Matemática e em Química), os benefícios da IAGen são reconhecidos no apoio ao raciocínio lógico e à produção de materiais didáticos, desde que a ferramenta não substitua procedimentos rigorosos de validação. No entanto, a tensão em relação aos riscos mostra-se mais acentuada nesse campo, com preocupação quanto à confiabilidade das informações fornecidas pela IAGen. Estudantes inscritos em Ciências Exatas e da Terra mobilizam, de forma mais explícita, um regime de verdade próprio do campo disciplinar.

Em ambos os campos, vimos que a IAGen é posicionada como tecnologia de apoio, distante da condição de autoridade epistêmica. A conceptualização ainda pouco sistematizada da noção de verdade no uso dessas ferramentas coexiste com discernimento de risco, possivelmente relacionado ao caráter de novidade dessas tecnologias no cotidiano acadêmico (Google/Ipsos, 2025). Assim, benefícios tendem a ser identificados mais em função das promessas atribuídas às tecnologias do que à experiência empírica dos estudantes. Sugere-se, assim, a necessidade de aprimorar a formação acadêmico-científica na promoção de uma compreensão mais crítica da verdade/veracidade numa conjuntura de desinformação e de usos sociais de IAGen, dados os desafios éticos e epistemológicos impostos às relações humanas. Trata-se de um passo além da apreciação de benefícios instrumentais dos usos de tecnologias digitais, no reconhecimento de que usos sociais de IAGen tendem a uma redução da tecnodiversidade (Hui, 2020) – por padronização de modos de escrita acadêmica, por privilégio de determinadas variedades linguísticas dominantes, por reprodução de discursivos hegemônicos ou ainda

na imposição de determinada racionalidade técnico-científica afeita à tentativa de permanência de sentidos.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio das seguintes agências de fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processos 2022/05908-0, 2025/08677-7), Programa CAPES-COFECUB (processo 8888887.712049/2022-00), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG, processo APQ-05058-23), CNPq/Universal (processo 409249/2023-8), CNPq/PQ (processos 301678/2025-1, 304567/2024-8, 312852/2022-3), a quem os autores agradecem.

Contribuições dos autores

GGA: Conceptualização, Investigação, Metodologia, Escrita - rascunho original, Escrita - análise e edição; CI: Conceptualização, Investigação, Metodologia, Coleta de dados, Escrita - rascunho original, Escrita - análise e edição; FK: Conceptualização, Aquisição de Financiamento, Investigação, Metodologia, Supervisão, Coleta de dados, Escrita - rascunho original, Escrita - análise e edição; LT: Conceptualização, Coleta de dados, Escrita - análise e edição; JAA: Escrita - análise e edição.

Referências

- ALEXANDRE, Gabriel Guimarães. *Desinformação sobre covid-19: concepções de texto em práticas letradas de agências de fact-checking da Argentina, do Brasil e dos Estados Unidos*. 2024. 190f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2024.
- ANGERMULLER, Johannes. Truth after post-truth: for a Strong Programme in Discourse Studies. *Palgrave Communications*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 1-8, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1057/s41599-018-0080-1>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41599-018-0080-1>. Acesso em: 3 mar. 2026.
- ASSIS, Juliana Alves. Ações do professor e do universitário nas práticas de ensino e de aprendizagem da escrita acadêmica: o papel da avaliação e da reescrita no processo de apropriação do gênero resenha. *Revista Eutomia*, Recife, v. 13, n. 1, p. 543-561, jul. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/579>. Acesso em: 3 mar. 2026.
- ASSIS, Juliana Alves; KOMESU, Fabiana; BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. Reflexividade crítica e(m) práticas de letramentos acadêmico-científicos: representações do fazer científico da perspectiva de pós-graduandos em humanidades. *Raído*, Dourados, v. 19, n. 48, p. 74-

93, 2025. DOI: <https://doi.org/10.30612/raido.v19i48.20462>. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/Raido/article/view/20462>. Acesso em: 3 mar. 2026.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; GONÇALVES, Adair Vieira. Representações de universitários sobre leitura e produção de textos acadêmicos. *Raído*, Dourados, v. 19, n. 48, p. 53-73, 2025. DOI: <https://doi.org/10.30612/raido.v19i48.20312>. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/Raido/article/view/20312>. Acesso em: 3 mar. 2026.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Anuário estatístico do Brasil – 1979*. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Anuário estatístico do Brasil – 1987*. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Anuário estatístico do Brasil – 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Anuário estatístico do Brasil – 2017*. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da educação superior 2025*. Brasília, DF: Inep, 2025.

CGEE. Percepção pública da C&T no Brasil - 2023: resumo executivo. Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2024.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HYLAND, Ken. *Disciplinary discourses: social interactions in academic writing*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2004.

HYLAND, Ken. Genre and academic writing in the disciplines. *Language Teaching*, [S. l.], v. 40, n. 4, p. 243-256, 2007.

HUI, Yuki. *Tecnodiversidade*. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

IMBRUNIZ, Cristian Henrique. *O mercado editorial no ensino secundário e o livro didático de português*. 2025. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

IPSOS. *Google/Ipsos multi-country AI survey 2025*. Washington: Ipsos, 14 jan. 2025. Disponível em: <https://www.ipsos.com/en-us/google-ipsos-multi-country-ai-survey-2025>. Acesso em: 3 mar. 2026.

KLEIMAN, Angela Bustos (org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOMESU, Fabiana; ALEXANDRE, Gabriel Guimarães; FLUCKIGER, Cédric; ASSIS, Juliana Alves; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; ARAÚJO, Nukácia Meyre Silva. Educação científica vs. desinformação: contribuição para professores numa conjuntura de inteligência artificial generativa. *Revista da Anpoll*, [S. l.], n. 56, p. 1-14, 2025. DOI: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v56.2037>. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/2037>. Acesso em: 3 mar. 2026.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação*. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LEA, Mary; STREET, Brian. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Trad. Fabiana Komesu e Adriana Fischer. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 477-493, 2014. Disponível em: https://revistas.usp.br/flp/pt_BR/article/view/79407. Acesso em: 3 mar. 2026.

RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio; EL HOUDNA, Badr; EL HOUDNA, Youssef; ROSEN-REINHARDT, Evelyne; ZAID, Abdelkarim. Littéracies transitives et inclusives : de quelques pistes de réflexions. In: ROSIER, Laurence; BUREAU, Aurélie; SCHADECK, Allison; TRESNIE, Morgane; VANDERPOORTEN, Forence (org.). *Passeuse entre deux rives : mélanges en l'honneur de Marie-Christine Pollet*. Bruxelas: Presses Universitaires de Bruxelles, 2025. p. 165-173.

MIRANDA, Flávia Danielle Sordi Silva; PARIS, Larissa Giacometti; LARANJEIRA, Rômania de Melo; FIAD, Raquel Salek; LILLIS, Theresa; KOMESU, Fabiana; ASSIS, Juliana Alves; FISCHER, Adriana; MENEGASSI, Renilson José; FUZA, Ângela Francine; ANDRADE, Ludmila Thomé de; OLIVEIRA, Felipe Bruno da Silva; CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Manifesto acadêmico: por nova(s) pedagogia(s) de escrita. In: LARANJEIRA, Rômania de Mello; MIRANDA, Flávia Danielle Sordi Silva; PARIS, Larissa Giacometti (org.). *Letramentos acadêmicos no Brasil: diálogos e meditações em homenagem a Raquel Salek Fiad*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022. p. 233-243.

REY, Véronique; BEAUDET, Céline. De l'écrit universitaire à l'écrit professionnel: comment favoriser le passage de l'écriture heuristique et scientifique à l'écriture professionnelle? *Scripta*, Belo Horizonte, v. 16, n. 30, p. 169-196, 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/4246>. Acesso em : 05 mar. 2026.

RINCK, Fanny; SITRI, Frédérique. Pour une formation linguistique aux écrits professionnels. *Pratiques*, [S. l.], v. 153-154, p. 71-83. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pratiques/1937>. Acesso em: 5 mar. 2025.

ROCHA, Diego Nunes da; CARVALHAES, Flavio. Quem são os futuros professores do Brasil? O perfil socioeconômico dos cursos de licenciatura do ensino superior. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2238-38752023v1325>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/Px6VsChdRvQzx99pNxDbjGbS/?lang=pt>. Acesso em: 3 mar. 2026.

SANTOS, Milena dos; SILVA, Cícero da. Letramento acadêmico e desenvolvimento da escrita por alunos indígenas em uma Licenciatura em Educação do Campo, Brasil. *EntreLetras*, Araguaína, v. 11, n. 2, p. 228-254, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2179-3948.2020v11n2p243>. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/9954>. Acesso em: 3 mar. 2026.

SEMESP. *Mapa do ensino superior no Brasil 2025*. São Paulo: Semesp, 2025.

STREET, Brian. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

Recebido em 09 de março de 2026



Aceito em 30 de abril de 2026